

“E ACABOU TUDO EM BEM”. SOBRE UMA VERSÃO ALGARVIA DO ROMANCE DE DELGADINHA

Dias Marques *

Como é sabido, *Delgadinha* é um dos romances mais correntes na tradição oral moderna, em todas as regiões do mundo pan-ibérico. Vejamos uma sua versão, representativa do tipo “original completo”¹:

Maria de Fátima Preto, 17 anos (até ao v. 22, *inclusive*), e Albertina de Fátima do Campo Branco, 17 anos (a partir do v. 23). Rio de Onor, concelho e distrito de Bragança, 27-VIII-1980. Recolha (iné dita) de Dias Marques.

2 Era um rei que tinha três filhas, todas lindas como a prata,
a mais linda delas todas Gaudininha se chamava.
—Queres tu, ó Gaudininha, ser minha namorada?
4 Eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
—Isso não, ó meu papá, é coisa que Deus não quer.
6 Eu sou a sua filha e não a sua mulher.
Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
8 para meter a Gaudininha sete anos e mais um dia.
Assomou-se à janela das mais altas que havia,
10 avistou a sua mana, no quintal assentadinha.
—Ó mana que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
12 que a água alimenta a vida e o coração desta alma.
—Eu a água bem ta dava, ó mana do coração,
14 mas o papá deixou dito que alguma de nós matava.
Assomou-se à janela das mais baixas que a torre tinha,
16 avistou o seu papá sentadinho na cozinha.
—Ó papá que Deus me deu, dê-me uma pinguinha de água,
18 que a água alimenta a vida e o coração desta alma.
—Eu a água não ta dou, ó filha da maldição.
20 Eu pedi-te a tua honra e tu me disseste que não.
—Tome lá minha mão direita, faça dela o que quiser.
22 Já se pode ir a gabar que sou filha e mulher.
—Correi todos, cavaleiros, dar água a Gaudininha.
24 O primeiro lá a chegar casará com Gaudininha.
O primeiro lá a chegar, Gaudininha estava morta,
26 Nossa Senhora a vesti-la, os anjinhos todo[sic] à volta.
A alma de Gaudininha está no Céu a descansar
28 e a alma do seu papá está no Inferno a queimar.

Variante : 11a m. dê (*emendada*).

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

¹ Seguimos a terminologia criada para este romance por Mercedes Díaz Roig, “Los romances con dos núcleos de interés” in Diego Catalán *et al.* (orgs.), *De balada y lírica. 3er Coloquio Internacional del Romancero*, I, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Complutense de Madrid, 1994, pp. 232-246. Sobre os “cuatro tipos de versiones” de *Delgadinha* existentes na tradição, segundo a autora, ver sobretudo p. 245.

D. Marques, "E acabou tudo em bem"

Trata-se, como se vê, dum romance que possui como tema o incesto, e assim tem *Delgadinha* sido sempre considerada pelos estudiosos.

Porém, existem bastantes versões deste romance em que as referências ao incesto desapareceram. Tal desaparecimento constitui um eufemismo —devido, obviamente, ao pudor— e afecta dois segmentos:

a) a proposta inicial do pai;

b) o novo pedido deste, quando a filha, desesperada, lhe pede água².

Essa desaparecimento pode revestir duas modalidades: o eufemismo por elipse (total ou parcial) e o eufemismo de criação poética³.

Nas versões de elipse, omitem-se pura e simplesmente os versos do segmento a) ou do segmento b) (elipse parcial) ou, então, de ambos os segmentos (elipse total). A elipse de b), relativamente corrente, não altera a lógica do relato, já que, nessas versões, o pai parece compadecer-se da filha, quando, à súplica dela, não lhe pede nada em troca e manda darem-lhe água.

Mas a falta de lógica surge nas versões, bastante mais raras, em que se dá a elipse de a) ou a elipse de a) e b). No primeiro destes casos, torna-se perfeitamente visível a preocupação de fugir à menção do incesto, porque, no fim, o gato escondido deixa o rabo de fora. Um exemplo:

2 Era um rei que tinha três filhas, todas lindas como a prata;
 a mais novinha de todas Valdevina se chamava.
 Mandou fazer uma torre mais alta que as maravilhas
4 p'ra lá meter Valdevina por dez anos e um dia.
 [...] [...]
 [Diz o pai:]
22 —Eu a i-água não te a abondo, nem de ti quero saber;
 pedi-te tua mão direita, tu não ma quisestes dar.
 [...] [...]⁴.

No segundo caso —elipse de a) e b)—, o romance é obscuro, por não explicar o motivo da prisão e do tormento de Delgadinha.

Mas várias versões existem em que a preocupação eufemística conduz à criação, transformando extremamente o romance. Das 494 versões de *Delgadinha* que pudemos consultar⁵, 38 portuguesas (ou seja, 15,8 % do total do país), 18 espanholas (14,2 % do total do país) e 4 hispano-americanas (5 % do total desta zona) sofreram essa transformação, que, no nosso *corpus*, reveste cinco tipos diferentes:

² Ver Braulio do Nascimento, "Eufemismo e Criação Poética no Romanceiro Tradicional", in Diego Catalán *et al.* (orgs.), *El romancero en la tradición oral moderna. 1er Coloquio Internacional*, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal y Rectorado de la Universidad de Madrid, 1972, pp. 233-275.

³ Usamos a terminologia proposta por Braulio do Nascimento, *art. cit.*, p. 239 e *passim*. O autor usa precisamente o romance de *Delgadinha* para exemplificar o eufemismo por elipse (ver *art. cit.*, pp. 241-245).

⁴ Manuel da Costa Fontes, *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, I, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1987, versão n° 620 (de Vilar Chão, concelho de Alfândega da Fé, distrito de Bragança).

⁵ 240 de Portugal, 127 de Espanha, 79 da América hispanófono, 12 do Brasil e 36 dos Judeus Sefarditas.

E.L.O., 2 (1996)

1— Delgadinha está grávida. À mesa, o pai, observando-a, descobre e decide castigá-la. No resto do texto, não há quaisquer referências a incesto⁶. Estão neste caso 8 versões espanholas, *i. e.*, 6,3 % do total do país. Vejamos um exemplo:

- ;En el palacio del rey hay una hoja labrada
2 la primera que la pise se ha de quedar coronada!
 La pisó la hija del rey, por ser la más desgraciada.
4 Un día estando a la mesa, que su padre la miraba.
 —¿Qué me miras, papá mío, qué me miras pa la cara?
6 —¿Hija mía Gorgorina, que te veo coronada!
 ;Corran, criadillos, corran, enciérrenla en una sala
 [...] [...]⁷

2— À mesa (quase sempre), Delgadinha confessa ao pai estar apaixonada, explicando (quase sempre) que por essa razão está “delgada” (magra). O pai decide castigá-la. No resto do texto, não há quaisquer referências a incesto⁸ [9 versões

⁶ Existem algumas versões (deste tipo e dos restantes quatro adiante descritos) que, embora transformadas no início, se descaem mais à frente, com o aparecimento de claras alusões ao incesto. Por exemplo, numa versão do tipo 1, a irmã de Delgadinha recusa-se a dar-lhe água, porque “por mor de tu hermosura está madre mal casada!” [Diego Catalán *et al.* (orgs.), *La flor de la marañuela. Romancero general de las Islas Canarias*, I, Madrid, Seminario Menéndez Pidal / Editorial Gredos, 1969, versão nº 118 (de Santa Cruz de Tenerife), v. 25]. Uma vez que, neste género de versões, o processo de transformação não foi levado até ao fim, continuando nelas o romance a rodar à volta do incesto, não as incluímos no número das que sofreram a referida modificação eufemística.

⁷ Diego Catalán *et al.* (orgs.), *La flor de la marañuela* cit., versão nº 354 (de Los Cristianos, ilha de Tenerife). Como se vê, nesta versão (assim como noutra do nosso *corpus*), os vv. 1-3 são contaminação do romance da *Má Erva* e explicam a gravidez de Delgadinha. Uma outra versão surge contaminada pelo romance da *Fonte Fecundante* (com consequências iguais) e outra ainda pelo de *Tamar e Amnon* (romance que constitui toda a primeira parte do texto, explicando-se, assim, pelo estupro do irmão a gravidez da jovem). Por último, quatro das versões do *corpus* não apresentam qualquer contaminação explicativa.

Não obstante as grandes diferenças existentes entre estes oito textos, sem dúvida que todas eles provêm da transformação de versões do tipo original do romance em que a sequência da proposta do incesto se passava durante uma refeição familiar, como acontece no seguinte exemplo:

- Algarina se pasea por una sala cuadrada
2 con gargantilla de oro, y el pelo que le arrastraba.
 Estando un día comiendo su padre que la miraba:
4 —¿Padre, qué me mira usted? —Hija, no te miro nada,
 que tú has de ser mi mujer y tu madre mi criada.
 [...] [...]

[Pedro M. Piñero e Virtudes Atero, *Romancerillo de Arcos de la Frontera*, Cádiz, Diputación Provincial de Cádiz, 1986 (versão de Arcos de la Frontera)].

Pensamos que a um tipo mais antigo pertencem as versões que apresentam uma primeira parte em que a contaminação dum outro romance (*Má Erva*, *Fonte Fecundante* ou *Tamar e Amnon*, como vimos) introduziu na *Delgadinha* o tema da gravidez, logo aproveitado para substituir o incesto enquanto razão para o suplício da menina. Inspirado nesse tipo, terá surgido, mais tarde, o tipo a que pertencem os quatro textos do nosso *corpus* em que a gravidez aparece como aspecto independente, não motivado por qualquer contaminação romancística. Digase, aliás, que, destes quatro últimos textos, três estão claramente ligados entre si. De facto, um deles, publicado no *Cancionero* organizado pela Sección Femenina de F. E. T. y de la J. O. N. S. (Madrid, Talleres de Artes Gráficas Fénix, 1943, p. 446) foi, sem dúvida, a origem dos outros dois, como prova a surpreendente coincidência discursiva.

⁸ Este tipo de versões parece ter a sua origem na adaptação do romance feita por um adulto, de modo a torná-lo apto para canção infantil. É possível que o autor de tal adaptação tenha sido Fernando Llorca, que, em 1914, publicou a primeira versão deste tipo que conhecemos:

Un rey moro tenía tres hijas,

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

espanholas (*i. e.*, 7,1 % do total do país) e 4 hispano-americanas (*i. e.*, 5 % do total desta zona)]. Um exemplo:

2 Un rey tenía tres hijas más hermosas que la grana
la más niña de las tres Delgadina se llamaba
un día estando comiendo dijo al rey que la miraba:
4 —Delgada estoy, padre mío porque estoy enamorada.
—Venid, corred mis criados a Delgadina encerradla
[...]

[...] ⁹

3— O pai, obedecendo à ordem duma fada, decide castigar Delgadinha. No resto do texto, não há quaisquer referências a incesto (uma versão espanhola, *i. e.*, 0,8 % do total do país). Vejamos o texto completo:

2 Rey moro tenía tres hijas todas tres como la grana,
y la más chica de todas Adelina se llamaba.
Estando um día en la mesa su papá que la miraba.
4 —Papá, ¿qué me mira usted? —Hija, no te miro nada;
han mandado una noticia: que te encierre en una sala,
6 y si pide de beber, agua de la más salada,
y si pide de dormir, los ladrillos de la sala,
8 y si pide de almohada, el poyete la ventana.
—Puede hace(r) usted lo que quiera pa cumplir con ese hada. ¹⁰

2 tres hijas como la plata;
la más chica de las tres
4 Delgadina se llamaba.
Un día, estando comiendo,
6 dijo al rey, que la miraba.
—Delgada estoy, padre mio,
8 porque estoy enamorada.
—Venid, corred, mis criados,
10 á Delgadina encerradla
[...]

[Fernando Llorca, *Lo que cantan los niños*, 3ª ed., Valencia, Prometeo, s/ d., p. 77 (usámos a ed. fac-similada, Madrid, Altalena, 1983); a 1ª ed. é de 1914]

A versão recolhida na tradição oral madrilenha cujo início publicamos mais à frente no corpo do presente artigo, como exemplo deste tipo nº 2, deriva claramente do texto publicado por Llorca e o mesmo acontece com as restantes versões espanholas do referido tipo (mas não com as hispano-americanas). Entre essas versões espanholas, conta-se a publicada na p. 448 do cit. *Cancionero* da Sección Femenina, que, com retoques mínimos e o acrescento dum verso no fim, é igual ao texto de Llorca. A propósito, julgamos necessário matizar o que escreve Virtudes Atero Burgos [“El Romancero infantil: aproximaciones a otro nivel de la tradición”, *Draco* (Cádiz), 2 (1990), p. 33], pois, como vimos (e ao contrário do que diz esta autora), não foi a Sección Femenina que inventou esse tipo de versão. Porém, é provável que tenha sido através da publicação do referido texto no *Cancionero* da Sección Femenina e da sua divulgação nas actividades promovidas por este organismo franquista que o tipo em causa de *Delgadinha* se difundiu mais na tradição oral. Diz-nos Virtudes Atero (em fax de 25-IV-96, que muito agradecemos): “no me cabe la menor duda que la vía de tradicionalización que se constata hoy de estas versiones censuradas se debió a la labor de la Sección Femenina [...] así nos lo han confirmado muchas de nuestras informantes que nos cantaron las versiones manipuladas”.

Tal transformação moralizadora foi sem dúvida feita sobre uma versão do tipo original em que a proposta do incesto se desenrolava durante uma refeição familiar (ver exemplo transcrito na nota anterior).

⁹ José Manuel Fraile Gil, *Romancero tradicional de la provincia de Madrid*, Madrid, Comunidad de Madrid, Consejería de Cultura, Centro de Estudios y Actividades Culturales, 1991, p. 81 (versão da cidade de Madrid, bairro de Puerta Cerrada).

4— Um personagem indeterminado¹¹ pede namoro a Delgadinha. O pai ouve-o e decide castigar a filha¹². No resto do texto, não há quaisquer referências a incesto¹³ (37 versões portuguesas, *i. e.*, 15,4 % do total do país). Um exemplo:

¹⁰ Virtudes Atero e María Jesús Ruiz, “El romancero en el Bajo Sur peninsular: una version distinta de *Delgadina*”, *Draco* (Cádiz), 1 (1989), p. 41 (versão de Jerez de la Frontera, Cádiz). Na nota (9) da mesma página, as autoras esclarecem: “ Al preguntarle a la informante por el último verso y si la historia era más larga, nos respondió que ‘no, está completa’ ‘lo que se cuenta es que era un hada la que había mandado al padre que castigara a la hija’”.

Esta versão resultará talvez (como as do tipo 2) duma adaptação do romance a canção infantil. De facto, Virtudes Atero, respondendo amavelmente a uma nossa pergunta, informou-nos (em fax de 11-IV-96) que a informante deste texto dissera que o cantava quando criança. Esclareceu-nos ainda que, nas várias recolhas efectuadas na zona, não se voltaram a recolher versões deste tipo.

A origem do presente texto está sem dúvida na transformação eufemística duma versão do género da seguinte, de que apresentamos duas passagens, em que são evidentes as semelhanças discursivas:

[...]
Un día, estando en la mesa,
6 su padre la remiraba.
—¿Qué me remira usted, padre?
8 —Hija, no te veo nada;
lo que yo quiero es que seas
10 tú la mi *xerica* amada.
[...]
—Pronto, pronto, mis criados,
16 encerradla en una sala;
si pidiera de comer,
18 carne de perro salada;
si pidiera de beber,
20 agua de la mar salada;
si pidiera de almohadas,
22 el poyete de la ventana;
[...]

[Arcadio Larrea Palacín, *Romances de Tetuán*, I, Madrid, C.S.I.C., Instituto de Estudios Africanos, 1952, versão LXII (de Tetuão, Marrocos); embora seja uma versão sefardita, o seu tipo é claramente de importação tardia, a partir da tradição andaluza]

¹¹ Apenas numa das versões do nosso *corpus* tal personagem aparece identificada com um nome. Porém, trata-se dum texto cujo início é visivelmente um *rifacimento* culto:

O mancebo, formoso Henrique,
2 De que Galdina gostava,
Onde quer que a encontrasse
4 Deste modo lhe falava:
—Galdina, queres ser minha,
6 Queres ser minha namorada
[...]

[A. C. Pires de Lima, “Tradições Populares de Montalegre”, *Revista dos Liceus* (Porto), 8-10 (Out.–Dez. 1916), p. 43 (versão de Montalegre, distrito de Vila Real)]

¹² Como se vê, Delgadinha *não* responde à proposta de namoro, mas o texto parece subentender que aceitaria. Nalgumas raras versões, fica claro que existe um namoro entre ela e o jovem. Nestes casos, o pai não é apresentado ouvindo o pedido de namoro mas sim sabendo da efectiva existência da relação. Um exemplo:

Era um rei, tinha três filhas, todas belas como prata;
2 a mais nova delas todas Teresinha se chamava.
Quando o seu papá soube que Teresinha namorava
4 mandou fazer uma torre para ela estar fechada.
[...]

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

- Alvininha, (e) Alvininha, Alvininha, ó minha amada,
2 Quem de ouro te vestia e de prata te calçava!
Seu papá ‘sim qu’ouviu isto não se importou de mais nada,
4 Mandou fazer uma torre prà Alvininha estar fechada
[...] [...] ¹⁴

5— O pai quer que Delgadinha case com um mouro. Ela não obedece e o pai decide castigá-la. No resto do texto, não há quaisquer referências a incesto (uma versão portuguesa, *i. e.*, 0,4% do total do país):

*Porque [o pai] queria-la obrigar a casar c’o Moiro. E ela nã queria casar com o Moiro. Por isso o pai deu-le o castigo dela ‘tar aqueles sete i-amos fechada ali naquelas torres.*¹⁵

[Manuel da Costa Fontes, *op. cit.*, versão nº 607 (de Varge, concelho e distrito de Bragança)]

¹³ A origem deste tipo de versões está, muito provavelmente, em textos do género do seguinte:

- Aurindinha, Aurindinha, queres ser minha namorada?
2 Eu do ouro te vestia e de prata te calçava.
—Eu não posso, meu papá, ser a sua namorada;
4 não quero que a mamã seja uma senhora mal casada.
O pai, desde isto ouviu, uma torre manda fazer
[...] [...]

[M. C. Fontes, *op. cit.*, versão nº 608 (Alvarelos, concelho de Vinhais, distrito de Bragança)]

De facto, se, levados pelo desejo de evitar referências a incesto, omitíssemos os vv. 3-4, ficaríamos com um texto em tudo igual ao das versões do tipo 4.

Não é impossível que —à semelhança do que parece ter acontecido com o tipo 2 (ver atrás nota 8)— haja uma ligação entre o nascimento deste tipo de versões e o seu uso como canção infantil. Porém, talvez seja mais provável estarmos perante um caso de aproveitamento pelo público infantil (sob patrocínio dos adultos) dum tipo *moralizado* de *Delgadinha* anteriormente surgido por preocupações alheias à utilização deste romance por crianças (é possível que o mesmo se tenha passado com o tipo 2). De qualquer modo, é um facto que, no nosso *corpus*, existem pelo menos duas versões deste tipo 4 que eram declaradamente usadas como canção infantil e, para mais, no âmbito da escola primária: a primeira delas foi recolhida de “um grupo de rapariguinhas que faziam del[a] cantiga de roda para os intervalos das aulas” e a segunda era “cantada e dramatizada nos recreios das escolas, em roda” [ver, respectivamente, Maria Aliete Galhoz (org.), *Romanceiro Popular Português*. I: *Romances Tradicionais*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, I.N.I.C., 1987, versão nº 328 (da Ericeira, concelho de Mafra, distrito de Lisboa) e Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues, *Cancioneiro. Cova da Beira*, II: *Romanceiro*, parte I, s/l., ed. da autora, versão nº 8.8 (duma aldeia não especificada do concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco)].

¹⁴ Maria Aliete Dores Galhoz, *op. cit.*, versão nº 320 (de Folgoso, concelho de Gouveia, distrito da Guarda).

¹⁵ Manuel da Costa Fontes, *Romanceiro Português dos Estados Unidos*. I: *Nova Inglaterra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1980, versão nº 89 (de Rabo de Peixe, ilha de São Miguel, Açores). Trata-se dum texto de começo truncado, que se inicia com o pai comunicando à filha a sua decisão: “—Eu vou-te fechar nuas torres, nuas torres bem fechadas” (v. 1). Só no fim da versão, nas frases em prosa acima transcritas, se dá a explicação do acto do pai.

É possível que na origem deste texto esteja uma versão eufemística de elipse total (ver, atrás, nota 3), em que não se apresentasse uma razão para o castigo tão cruel de Delgadinha. A fim de preencher esse ponto obscuro, a informante teria, então, adicionado o comentário final.

Não deixa de ser curioso verificar que, em certas versões espanholas (por exemplo, na pertencente ao tipo 3 de eufemismo de criação, atrás transcrita, ou no texto do *Cancionero* da “Sección Femenina” a que se faz referência na nota 7), o pai de Delgadinha é um “rey moro”. Tal facto poderia levar-nos a pôr a hipótese de o “Moiro” da versão portuguesa não ser mais que um vestígio da identidade do pai da jovem antes de a versão ter sido truncada (como dissemos, este texto começa logo por “—Eu vou-te fechar nuas torres...”). Se assim fosse, a vontade do pai de Delgadinha de a “obrigar a casar c’ o Moiro” poderia ser apenas uma recordação da tentativa de incesto

E.L.O., 2 (1996)

Portanto, como se pode ver, o romance de *Delgadinha* apresenta na tradição espanhola e na portuguesa quatro tipos¹⁶ de início com eufemismo de criação poética, todos eles diferentes, mas com a mesma função: explicar pelo rigor desumano do pai¹⁷ o encerramento da filha e a sua morte.

Esta modificação, provavelmente moderna, fez com que o romance passasse a ter outro tema: o amor, contrariado pela incompreensão familiar, leva à morte, colocando-se o narrador do lado dos apaixonados, contra os preconceitos sociais (*Delgadinha* vai para o Céu e o pai para o Inferno). Conforme se sabe, este tema é muito corrente, quer na literatura culta, sobretudo romântica (de que, em Portugal, o popularíssimo *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, é o exemplo paradigmático), quer na literatura tradicional — e pensamos em certos romances vulgares, como a *Defunta Pleiteada*¹⁸, e em canções narrativas, como *Isaura e Manuel*¹⁹, *Carlos e Rosa*²⁰, *La novia de Pedro Carreño*²¹ ou *Agustinita y Redondo*²².

De qualquer forma, em todas estas versões transformadas, o fim, como dissemos, mantém-se igual ao das versões do tipo original, ou seja, dá-se a morte de *Delgadinha*. De grande interesse se reveste, pois, uma versão que recolhemos no Algarve em que as coisas se passam de maneira diferente:

Arlete de Lurdes Cruz Baptista, 81 anos, Vila Real de Santo António, distrito de Faro, 22-III-1994. Recolha de Isabel Cardigos e Dias Marques. Transcrição musical de Rui Jerónimo

existente na versão, quando completa. Julgamos, porém, ser mais provável que o “Moio” da versão portuguesa tenha esta característica (de pertencente a uma civilização e a uma religião diferentes e mal consideradas) só para a recusa de *Delgadinha* a casar-se com ele ficar mais bem fundamentada e para mais facilmente o pai atrair a antipatia dos ouvintes, pelo facto de pretender um casamento tão *contra natura*.

¹⁶ Exceptuamos o tipo 3 (constituído pela atípica versão de Jerez de la Frontera, possivelmente um *hapax*), porque nesse texto, como se viu, o pai é ilibado de responsabilidades, por a culpada do tormento de *Delgadinha* ser uma fada.

¹⁷ É óbvio que este rigor do pai ao saber que *Delgadinha* está grávida, apaixonada ou que há um rapaz interessado nela esconde, a um nível nem sequer muito profundo, o desejo incestuoso de que a filha seja para ele e para mais ninguém. Tal desejo parece estar ausente apenas da versão do tipo 5, em que, como vimos, o castigo se produz por *Delgadinha* não querer casar com o pretendente que o pai lhe escolheu.

¹⁸ Versões espanholas podem ler-se, por exemplo, em María Goyri de Menéndez Pidal, *La Difunta Pleiteada. Estudio de literatura comparativa*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1909, pp. 9-28. Versões portuguesas estão publicadas, por exemplo, em T. Braga, *Romanceiro Geral Portuguez*, 2ª ed., I, Lisboa, Manuel Gomes, Editor, 1906, pp. 606-615.

¹⁹ Ver, por exemplo, Maria Aliete Galhoz, *op. cit.*, versões nºs 920-922.

²⁰ Ver, por exemplo, Maria Aliete Galhoz, *op. cit.*, versões nºs 916-919.

²¹ Ver, por exemplo, Francisco Mendoza Díaz-Maroto, *Antología de romances orales recogidos en la provincia de Albacete*, Albacete, Instituto de Estudios Albacetenses / C.S.I.C., 1990, versão nº 237.4. Desta canção narrativa existe publicada pelo menos uma versão portuguesa, embora totalmente em espanhol (ver M. C. Fontes, *Romanceiro da Provincia de Trás-os-Montes* cit., versão nº 1354).

²² Ver, por exemplo, Francisco Mendoza, *op. cit.*, versões nºs 174.1 e 174.3.

D. Marques, "E acabou tudo em bem"

A rapariga tinha..., parece que tinha um namorado, que era criado, não sei como era. O rapaz disse assim:

- Silvaninha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
2 Eu de ouro te vestia e eu de prata te calçava.
Seu papá, que aquilo ouviu, não quis saber de mais nada:
4 mandou fazer uma torre, para a Adelina ser fechada.

Depois ela estava já muito cheia de sede e cheia de fome.

- Adelina foi subindo, mais triste e amargurada,
6 encontrou-se com a sua mãe, à janela sentada.
—Ó mamã que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
8 que eu de fome e eu de sede minha alma está findada.
—Dava-te água, ó filha minha, que não me custava nada,
10 vse o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
Adelina foi subindo, mais triste e amargurada,
12 encontrou o seu irmão, à janela da sacada.
—Ó mano que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
14 que eu de fome e eu de sede minha alma está findada.
—Dava-te água, ó mana minha, que eu não me custava nada,
16 se o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
Subiu a outra janela, muito triste e amargurada,
18 encontrou-se com o seu pai, à janela sentado.
—Ó papá que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
20 que eu de fome e eu de sede minha alma está findada.
—Corram, corram, meus criados, a dar água a Adelina.
22 O primeiro que lá chegar será sua a minha filha.

Chegam lá, salvam a ra..., tiram a menina do coiso..., do..., de onde estava. O criado casava com ela.

Variantes: 1 S., Silvaninha, q. s. m. n.?.; 2b d. calça... (*emendada*); 3b mandou chamar um criado; 3b omite; 5b muito t.; 6 e assim subiu os degraus da escada; 7b dê-m.; 8b e. finada; 11a Silvaninha f.; 11b muito t.; 12 e. com o; 17-18 E depois ela sobe mais uma vez e depois é que vê o pai; 17-18 omite; 19b dê-m.; 20a f. e eu de frio; 20b e. finada; 21a Dava-te... (*emendada*); 22b casará com a f. m.

Nota: Interrogada sobre a flutuação do nome da personagem principal (cf. vv. 1, 4, 5, 11 e 21 e a variante de 11), a informante explica: "Não me lembro se era Silvaninha se era Adelina. Acho que ela ["uma velhota que havia lá na minha rua", com quem diz ter aprendido o romance] dizia Silvaninha, parece que sim. Mas também há quem diga Adelina."

E.L.O., 2 (1996)

Ao ouvirmos as surpreendentes frases finais, em prosa, pensámos que a informante estava pura e simplesmente a ser atraída pela memória, o que seria perfeitamente possível, tanto mais que, durante o canto (e recitação) do romance, ela parara várias vezes, por não se lembrar da continuação. Perguntámos, pois, a D. Arlete se o fim da história era mesmo assim, e ela confirmou que, de facto, Delgadinha não morria e se casava com o criado. Recitámos-lhe, então, os últimos versos duma versão do tipo original, com o criado chegando demasiado tarde e encontrando Delgadinha morta, rodeada de anjos e com a fonte aos pés. Ao que a informante reagiu dizendo: “Morta?! Não. Morta, não. Não, essa é outra coisa. Essa não sei eu”.

Como podemos ver, na versão de D. Arlete, a explicação inicial, em prosa, aclara a história: Delgadinha, filha de ricos, namora nem mais nem menos que com um seu criado. Compreende-se, assim, melhor a reacção do pai, assustado com a hipótese dum casamento tão desigual. Portanto, nesta versão, *Delgadinha* aproxima-se mais ainda dalguns dos poemas a que atrás fizemos referência, aqueles em que as diferenças sociais estão na base da proibição familiar. De facto, em *La novia de Pedro Carreño*, frisa-se sempre que os pais de María são “ricos y hacendosos” e, por isso, decidem que a sua filha única case com um primo (provavelmente, também rico) e não com Pedro, que apenas tem de positivo o facto de ser “un chico bueno”²³; na maioria das versões da *Defunta Pleiteada*, diz-se que os pais obrigam a jovem a casar com um comerciante²⁴, afirmando-se numa delas claramente: “sus padres no se la daban [àquele de quem ela gostava] / porque era pobre el mancebo”²⁵. E o mesmo tipo de situação se passa em *Carlos e Rosa* e numa das versões de *Isaura e Manuel*. Neste último caso, aliás, esses pormenores são fornecidos numa explicação inicial em prosa, exactamente como no texto de D. Arlete: “Dois namorados. [...] Ele era duma cabaneira, e a moça, a rapariga, era dum doutor; e era rico, só tinha aquela filha. E [...] o outro [...] era pobre”²⁶.

Por outro lado, o pequeno epílogo em prosa dá à história uma reviravolta surpreendente, fornecendo-lhe um final feliz: o casamento entre Delgadinha e o criado. Em tal desenlace poderá haver influência de contos tradicionais²⁷ ou do seu sucedâneo actual, os romances cor-de-rosa e as telenovelas, em cujos finais é frequente o casamento entre a menina rica e o rapaz pobre (ou vice-versa).

Meses mais tarde, desejosos de confirmar o fim tão original da versão de D. Arlete, pedimos a uma nossa antiga aluna, natural também ela de Vila Real de Santo António, o favor de entrar em contacto com a informante e gravar de novo o romance. Foi este o resultado:

²³ Francisco Mendoza, *op. cit.*, versão nº 237.4, vv. 2 e 4.

²⁴ Por exemplo, María Goyri, *op. cit.*, versões C (v. 14: “mercader de Sevilla”) ou D (vv. 13-14: “un comerciante rico / que ha venido de las Indias”).

²⁵ María Goyri, *op. cit.*, versão B, vv. 9-10.

²⁶ Maria Aliete Galhoz, *op. cit.*, versão nº 920.

²⁷ Como se sabe, “by definition, [...] fairy tales end with a triumphant wedding [...] .What is so special about this wedding? It is a *misalliance* ” (Bengt Holbeck, *Interpretation of Fairy Tales*, Helsinki, Suomalainen Tiedeakatemia, 1987, p. 411; itálico do original).

Um casamento entre criado e filha do senhor é também, obviamente, o que se dá (ou melhor, se antevê) no fim do romance de *Gerinaldo*. Porém, aí, não há oposição paterna, antes pelo contrário.

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

Arlete de Lurdes Cruz Baptista, 81 anos, Vila Real de Santo António, distrito de Faro, Dezembro de 1994. Recolha de Ana Paula Geraldo de Jesus.

O criado gostou muito da rapariga, e então foram-lhe contar [ao pai] que a Silvaninha que falava muito com aquele rapaz [...] O rapaz disse assim:

—Silvaninha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
2 Eu de ouro te vestia e eu de prata te calçava.
Seu papá, que aquilo ouviu, não quis saber de mais nada:
4 mandou fazer uma torre, para Adelina ser fechada.
Adelina foi subindo, mais triste e amargurada,
6 encontrou-se com a sua mãe, à janela sentada.
—Ó mamã que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
8 que eu da fome e eu de sede minha alma está finada.
—Dava-te água, filha minha, que não me custava nada,
10 se o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
Silvaninha foi subindo, baixou-se à janela,
12 encontrou-se com o seu irmão, à janela do quintal.
—Ó mano que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
14 que eu de fome e eu de sede minha alma está finada.
—Dava-te água, ó mana minha, que não me custava nada,
16 se o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
Foi subindo outra janela, mais triste e amargurada,
18 encontrou-se com a sua irmã, à janela sentada.
—Ó mana que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
20 que eu da fome e eu da sede minha alma está findada.
—Dava-te água, ó mana minha, que não me custava nada,
22 se o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
O papá, que aquilo ouviu:
24 —Corram, corram, meus criados, a dar água a Adelina.
O primeiro que lá chegar com ela há-de casar.

Quando o criado lá chegou, ela deu um suspiro e um ai. O primeiro que lá chegou foi o homem que ela gostava, não é? O primeiro que lá chegou foi o seu namorado, que, ao apanhá-la ao colo, [ela] deu um ai e... morreu... ou era assim...

Variantes: 7 dê-me (emendada); 8a q. d. f. e da s.; 8b e findada; 9b q eu n.; 10a o teu pai n.; 11-16 omite; 12a encontrou o (emendada); 12b j. da cozinha[?] (emendada); 14a q. e. d. ouro e (emendada); 14b e. findada; 17 Seu papá, que aquilo ouviu, mandou chamar um criado para... (a informante hesita, mostra considerar ter-se enganado, e recomeça o texto, com a variante a seguir indicada); 17 Seu papá, que aquilo ouviu, mandou chamar a criada e mandou-lhe água à filhinha, que já estava... (a informante pára e diz: Ah! Já não me recordo. Que pena! Depois dalguns momentos de hesitação, recomeça o romance como vai no texto); 17a Subiu a o.; 20b finada; 23 Seu p.; 23 O pai, q.; 24-25 mandou chamar um criado [mas quando (emendada), p. levar... (emendada), p. dar... (emendada)], para Adelina ser tratada.

Nota: No fim, a colectora pergunta à informante: “E, depois, [ela] não casa com o criado?” A informante responde, hesitante: “Não”. E, logo a seguir, sem hesitar: “Não casa com o criado”.

Como vemos, nesta versão, fica claro que, ao contrário do que acontecera na recitação anterior, Delgadinha morre, retomando, pois, o romance o seu fim habitual.

Não obstante tal balde de água fria, esta versão tem o mérito de, mais claramente do que a anterior, mostrar a construção do final feliz. Note-se, de facto, que “o primeiro que lá [ao quarto de Delgadinha] chegou foi o homem que ela gostava [...], foi o seu namorado”. Ora, nos versos finais do romance, o pai diz: “—Corram, corram, meus criados, a dar água a Adelina. / O primeiro que lá chegar com ela há-de casar.” Tal

E.L.O., 2 (1996)

promessa de recompensa,²⁸ se o primeiro a chegar for o apaixonado de Delgadinha²⁹ (como acontece nesta versão), resolveria a contento de todos o problema das diferenças sociais entre os namorados e permitiria o almejado casamento. Mas, como vimos, na versão recolhida em Dezembro, Delgadinha morre quando o criado lá chega. O mesmo desenlace trágico, em que, por uma unha negra, se perde o final feliz, está presente noutras versões do tipo original do romance, nomeadamente algarvias:

- Corram, corram, meus criados, a dar água à Idalina:
28 o primeiro que cá chegar casará com filha minha.
O primeiro que lá chegou era o seu amor constante.
30 Já morreu a Idalina, mesmo agora neste instante.³⁰

É muito provável ser um texto como este que, por omissão do último verso, esteve na origem do final feliz da primeira versão de D. Arlete.

Uma outra versão do tipo original (recolhida no Alentejo, mas num concelho situado muito perto do Algarve) apresenta igualmente um final em que a felicidade esteve por um fio:

- Subam altos, meus criados, levar água à Adelina,
28 o primeiro que lá chegar casará com filha minha.
O primeiro a lá chegar era o seu amor constante,
30 Adelina deu um ai, acabou naquele instante.³¹

²⁸ Esta promessa está já presente nalgumas versões do tipo original do romance. Dois exemplos:

- 26 —Arriba, pajes, arriba, a Delgadina dar agua;
el primero que allá llegue con Delgadina se casa.—
[...]

[Diego Catalán y Mariano de la Campa (orgs.), *Romanceiro general de León*, II, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, Universidad Complutense de Madrid / Diputación Provincial de León, 1991, versão nº 61.12 (de Soto de Sajambre, *partido judicial* de Riaño)]

- 22 Vão depressa homens todos
Dar água àquela donzela
E o primeiro que lá chegar
24 É que casará com ela
[...]

[Fátima Rosado (org.), *Tradição Oral Algarvia*. 1: *Poesia Recolhida na Freguesia de Querença*, Faro, Secretaria de Estado da Cultura, Delegação Regional do Algarve / Universidade do Algarve, 1993, versão nº 417 (do Borno, concelho de Loulé, distrito de Faro)]

²⁹ Que seja ele o primeiro a chegar é um facto que acontece já nalgumas versões do tipo original do romance, por exemplo: “(E) o primeiro que lá chegou foi o seu amor constante” ou “O primeiro que lá chegou foi o seu amado querido” [Maria Aliete Galhoz, *op. cit.*, versões nº 333, v. 27, e nº 339, v. 18 (respectivamente, de Santana da Serra, concelho de Ourique, distrito de Beja, e do Sítio dos Corcitos, concelho de Loulé, distrito de Faro)].

³⁰ Vanda Anastácio, *Romanceiro Tradicional do Distrito de Faro*, I, Madrid / Santiago do Cacém, Seminario Menéndez Pidal / Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1988, versão nº 65 (de Malfrade, concelho de Alcoutim, distrito de Faro).

³¹ Ana Maria Martins e Pere Ferré (orgs.), *Romanceiro Tradicional do Distrito de Beja*, I, Madrid / Santiago do Cacém, Seminario Menéndez Pidal / Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1988, versão nº 68 (de Santa Bárbara de Padrões, concelho de Castro Verde, distrito de Beja).

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

Note-se como duas passagens prosificadas da segunda versão de D. Arlete, a de final infeliz (“Quando o criado lá chegou, ela deu um suspiro e um ai” e “deu um ai e... morreu”), parecem ter como fonte um verso do género do nº 30 do texto que acabamos de transcrever (“Adelina deu um ai, acabou naquele instante”).

A origem das versões de D. Arlete (se exceptuarmos a questão do fim feliz) está, segundo julgamos, na junção de quatro elementos, provenientes de versões de diferentes tipos:

- 1— um início, extraído duma versão eufemística, em que uma personagem indeterminada pedia namoro a Delgadinha;
- 2— uma parte central como a das versões do tipo original;
- 3— um fim, em que o pai de Delgadinha prometia a mão dela ao criado que primeiro lhe desse água;
- 4— outro fim, em que o primeiro a chegar com a água era o apaixonado de Delgadinha.

Por influência do terceiro elemento, a personagem indeterminada do primeiro elemento passou a ser (veja-se a informação em prosa) um criado, aquele que, no fim, chega antes de todos.

Quanto ao final feliz, pareceria provir de confusão da informante, a qual, na segunda entrevista, teria recordado o texto como verdadeiramente o soubera.

Ora, em inícios deste ano, ao prepararmos o presente artigo, resolvemos voltar a Vila Real de Santo António e entrevistar novamente a informante. Obtivemos, assim, aquela a que chamaremos terceira versão de D. Arlete:

Arlete de Lurdes Cruz Baptista, 82 anos, Vila Real de Santo António, 9--I-1996.
Recolha de Ana Luísa Cavaco e Dias Marques.

- Silvaninha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
2 Eu de oiro te vestia e de prata te calçava.
Seu papá que aquilo ouviu não quis saber de mais nada:
4 mandou fazer uma torre para a Adelina ser fechada.
Adelina foi subindo, muito triste e amargurada,
6 encontrou[*sic*] com a sua mãe, à janela assentada.
—Ó mamã que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
8 que eu da fome e eu da sede minha alma está findada.
—Dava-te água, ó filha minha, que eu não me custava nada,
10 se o papá não me apontasse a ponta daquela espada.
Adelina foi subindo, ainda mais triste ficou,
12 encontrou-se com seu pai e chorando assim dizia:
—Ó papá que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
14 que eu da sede e eu da fome minha alma está findada.
—Corram, corram, meus criados, a dar água à Adelina.
16 O primeiro que lá chegar casará com a filha minha.
O primeiro que lá chegou,
18 foi com ele que ela casou.

Ela gostava muito do rapaz, mas o pai não queria[?], porque era um criado. O pai não queria que ela tivesse amores com o criado. Mas, depois, como chegou naquela torre e aquilo tudo, naturalmente, tiveram remorsos, e ela conseguiu casar com o rapaz que ela gostava. E acabou tudo em bem.

E.L.O., 2 (1996)

Variantes: 3a Sua ma... (emendada); 3b mandou fazer uma... (emendada); 6b na j.; 8b tenho m. a. finada (*variante:* findada); 9b q. eu n.; 11b *omite*; 12a encontrou o s.; 14a d. fome e e. d. sede; 17-18 O primeiro que lá chegou foi o criado que gostava muito dela. Foi esse que casou com ela; 17-18 O primeiro que lá chegou / foi com quem ela casou.

Notas: Em lugar dos vv. 17-18, a informante começou por dizer o comentário em prosa acima indicado na primeira variante desses versos. Depois de os colectores terem insistido com ela, para que tentasse lembrar-se do verso que, segundo a própria informante, ali faltava, D. Arlete disse os versos indicados acima na segunda variante dos vv. 17-18. Finalmente, disse os versos como estão no texto, parecendo considerar esta a lição correcta. Porém, mais do que recordação de versos anteriormente sabidos, depois recordados apenas sob uma forma prosificada e, por fim, recordados na sua integridade, a impressão que dá é a de as duas variantes em verso serem total invenção da informante, que assim quis preencher um vazio sobre o qual os colectores lhe faziam (demasiadas) perguntas.

A informante explicou que aprendeu o romance quando tinha 12 ou 13 anos (mais tarde disse: “10 ou 12”) com uma sua criada, chamada Rosa (mais tarde, disse “Francisca”), natural de Giões, aldeia do vizinho concelho de Tavira.

Como podemos observar, esta terceira versão segue, no fundamental, a primeira versão da mesma informante, da qual se afasta apenas por pequenas variantes e pela omissão dos vv. 11-16 (sequência do pedido ao irmão). O fim, porém, volta a ser feliz, para mais com a transformação em verso do que antes era explicação em prosa. O derradeiro comentário reitera a informação sobre os amores de Delgadinha serem com o criado e sobre o casamento com ele.

Contudo, tendo em mente a segunda versão de D. Arlete (a de final infeliz), perguntámos à informante se a história acabava de facto bem e lemos--lhe mesmo a última frase dessa segunda versão: “O primeiro que lá chegou foi o seu namorado, que, ao apanhá-la ao colo, [ela] deu um ai e... morreu”. D. Arlete ficou um momento pensativa e, depois, respondeu:

—Olha! Parece que sim... Já não me lembro bem. Parece que sim, que tenho impressão, quando ele chegou lá acima, ela deu um ai e morreu. Parece-me que sim. Olha! Agora o senhor me veio[?] lembrar. Eu não digo que estou muito esquecida? Eu sabia isto tudo muito bem, mas, agora, já não me lembro. O primeiro que lá chegou, ela deu um ai, suspirou e morreu. Parece que foi uma coisa assim, que eu não me lembro já, olha lá... Morreu, sim. Não casou, não chegou a casar, morreu.

No dia seguinte (10-I-1996), D. Arlete foi nossa convidada numa conferência sobre literatura oral tradicional que realizámos na Escola Secundária de Vila Real de Santo António, e que, em parte, era ocupada pela análise das suas versões de *Delgadinha*. Tendo-lhe nós pedido o favor de repetir o texto, para o público, a informante cantou uma versão sem novidade em relação às anteriores, e que, no fim, terminava do seguinte modo:

[...] [...]

—Corram, corram, meus criados, a dar água à Adelina.
O primeiro que lá chegar casará com a filha minha.

E o primeiro que lá chegou, ela deu-lhe um desmaio e morreu.

Durante a referida conferência, lemos em voz alta a terceira versão da informante (a que ela nos cantara na véspera e tinha um final feliz) e, ao chegarmos ao comentário “E acabou tudo em bem”, D. Arlete interveio, dizendo: “Pois acabou”. Ao

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

que nós lhe perguntámos: “Foi o criado que casou com ela?”, tendo a informante respondido: “Pois foi”.

Como vemos, até ao último momento em que com ela estivemos, a informante permaneceu hesitante, optando ora por um fim ora por outro. Esclareça-se que D. Arlete, não obstante os seus 82 anos, se encontra muito boa de cabeça, embora com naturais falhas de memória no que diz respeito aos materiais de literatura oral que sabe mas que há já tantos e tantos anos não usava.

Duas hipóteses nos parecem possíveis para explicar os dois desfechos diferentes que a informante dá ao romance de *Delgadinha*. A primeira é a de D. Arlete ter sabido duas versões: uma que acabava mal e outra que acabava bem. Indício da existência desses dois tipos poderia ser, por um lado, o facto de o nome da heroína variar (“Silvana”/“Adelina”) ao longo do texto; por outro lado, o facto de a informante dizer, uma vez, que aprendeu o romance com “uma velhota que havia lá na [sua] rua”, em Vila Real, e, outras vezes, que o aprendeu com uma sua criada, natural de Giões, concelho de Tavira. Assim, ao cantar o romance, D. Arlete penderia ora para o final dum versão ora para o final da outra.

A segunda hipótese é a de a versão de fim feliz nunca ter existido, a não ser no desejo da informante, que, por vezes, mais ou menos inconscientemente —e ajudada nisso pela falta de memória— transforma a seu contento a versão aprendida em criança, na qual, provavelmente, tal como noutras que já vimos, a felicidade escapava por uma unha negra.

Antes de continuarmos a nossa análise, notemos que, nas 494 versões do nosso *corpus*, existem duas que acabam bem³². Numa delas, brasileira, *Delgadinha*,

³² Não incluímos neste número os textos que deixam em aberto a possibilidade dum final feliz, mas não afirmam claramente ser esse o desfecho. Trata-se de versões de final truncado, que acabam na ordem do pai para que os criados levem água a *Delgadinha*. Nelas, estamos perante a primeira tentativa, embora tosca, de fazer com que o romance acabe (ou possa acabar) bem. Versões deste género podem ler-se, por exemplo, em Leite de Vasconcelos, *op. cit.*, n.ºs 483 (de São Tomé de Covelas, concelho de Baião, distrito do Porto) e 489 (de Curopos, concelho de Vinhais, distrito de Bragança) ou em Francisco Mendoza, *op. cit.*, n.º 28.6 (de Valdeganga, *partido judicial* de Albacete). Esta última versão termina assim:

42 —Venid, criados, venid, los que traje de Granada,
y a mi hija Delgadina subidle una jarra de agua;
44 no se la deis en la de oro ni tampoco en la de plata:
dádsele en la de cristal, que se le refresque el alma.—

Versos quase iguais a estes encontram-se, naquela obra, nas versões 28.4 (vv. 42-45), de Mahora, *partido judicial* de Albacete, n.º 28.8 (vv. 45-48), da cidade de Albacete, e n.º 29.1 (vv. 30-33), de La Roda. Nestes três textos, o romance continua com mais alguns versos, em que se dá conta da morte de *Delgadinha*. Veja-se, por exemplo, a versão n.º 28.4:

46 Al subir por la escalera, Delgadina expiraba.
Las campanas de la gloria ellas solas se tocaban,
48 las campanas del infierno al padre y al hijo llaman.

Portanto, o que a versão 28.6 fez foi, como vemos, cortar o que, sem dúvida, era a sua conclusão natural. Um grande passo em frente nesta tentativa de arranjar um final feliz para o romance é o que se dá numa versão publicada pelo P^c. Miguel de Oliveira (*Válega. Memória Histórica e Descritiva*, s/l., Câmara Municipal de Ovar, 1981, pp. 211-212; *Válega* é uma aldeia do concelho de Ovar, distrito de Aveiro). Trata-se dum texto com um início eufemístico do tipo 4 atrás descrito: o pai ouve alguém propor namoro à filha e, como consequência,

E.L.O., 2 (1996)

atormentada pela sede, consente em casar com o pai. Mas, depois do copo-de-água, despede-se da mãe “e fugiu pelo mundo adentro e nunca mais foi vista”³³. A outra versão, sefardita, tem um final que estranhamente recorda o de D. Arlete:

Benjamín Nahamor, Izmir (Esmirna), Turquia, 1911. Recolha (iné dita) de Manuel Manrique de Lara.³⁴

2 Tres hijas tiene el rey, tres hijas como la plata,
 la más chiquitina de ellas Bellalinda se llamaba.
4 —¿Qué me mirax, el mi padre, qué me mirax de matarme?
 —Ni te miro ni te mato, que de ti me he namorado.
 No lo quiera el Dió del cielo, ni la honrada de mi madre,
6 que me haga mujer de mi padre, madrastra de mix hermanas³⁵.
 Corré, corré, carceleros, fraguarex una *cholaba*,³⁶
8 sin puertas y sin ventanas.

8 Mandou fazer uma torre
 P’ra Aldininha estar fechada
10 Oito dias sem comer,
 Oito dias sem beber.

Repare-se como o pai estabelece uma duração (além disso, relativamente curta) para o encerramento da filha (não se esqueça que, em muitíssimas versões, não se dá qualquer prazo para o suplício, que assim se subentende ser até à morte, ou se diz que durará “sete anos e um dia”, o que terá a mesma consequência), encerramento que se torna, portanto, um simples (é um modo de dizer...) castigo e não uma condenação à pena capital. Este facto é um importante indício para que seja interpretada de modo positivo a possibilidade deixada em aberto pelos últimos versos do texto:

42 —Corram todos, corram todos
 Buscar água p’ra Aldininha;
 O que aqui chegar diante
44 Casa com a filha minha.

Estamos, assim, perante uma forte possibilidade de final feliz, em que, como na versão de D. Arlete, tudo acabaria em bem e com um casamento.

³³ Antônio Lopes, *Presença do Romancero. Versões Maranhenses*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, pp. 72-73 (versão da Quinta, ilha do Maranhão).

³⁴ Esta versão pertence ao espólio do Seminario Menéndez Pidal, de Madrid [gaveta U, “*Delgadina*-Colecciones”, pasta da “*Delgadina* (‘á-a’): Versiones judías”]. É a versão P2.9 do inventário elaborado por Samuel G. Armistead em *El romancero judeo-español en el Archivo Menéndez Pidal. Catálogo-índice de romances y canciones*, Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, 1978, 3 vols. (ver II, pp. 136-141). Uma vez que, nesta utilíssima obra, se fornecem o primeiro e o último versos de cada texto, apercebemo-nos, ao ler aí o último verso da presente versão, de que se tratava dum texto fora do vulgar. Muito agradecemos a Mariano de la Campa, que, com toda a rapidez, respondeu ao nosso pedido de envio duma fotocópia da versão, e a Diego Catalán, director do Seminario Menéndez Pidal, que amavelmente autorizou a publicação da mesma.

³⁵ *Hermanas*: o “h” está escrito sobre o que parece um “t”.

³⁶ *Cholaba*: esta palavra não se encontra nos dicionários de judeo-espanhol, mas, no presente contexto (cf., no mesmo verso, “carceleros”), parece ter o sentido de ‘prisão’. O Prof. Samuel G. Armistead (em fax de 8-V-96, que muito agradecemos) comunicou-nos que julga impossível a hipótese de este termo ser um turquismo (em que pensáramos, tendo em atenção que o texto foi recolhido na Turquia), uma vez que, consultados os melhores dicionários de turco, a palavra parece não existir naquela língua. Por seu lado, o Prof. Armistead propõe como etimologia o espanhol antigo *javola* ‘jaula’, o qual, por uma primeira metátese, teria dado **chaloba*, forma que teria sido transformada em *cholaba*, através duma segunda metátese, para concordar com a rima em “á-a”, predominante neste texto.

D. Marques, “E acabou tudo em bem”

Meterex a Bellalinda, Bellalinda la honrada,
10 que la darex a³⁷ comeres carne cruda y bien salada,
que la darex a beberes zumo de naranja amarga.
12 Ella con mucho meollo en la pared un buraco hazia.
Un día de los sus días, el su tío ya pasaba.
14 —Tío mio, el mi querido, deme un poco de agua.
—Callada, callada, Bellalinda, Bellalinda la honrada.
16 Si lo sabe el rey tu padre, a mi corre para matarme.
Un día de los días [,] el hermano que pasaba.
18 —Hermano mio, mi querido, dame un poco de agua.
—Si te doy con la cupa³⁸ [,] va a caer y se va a romper.
20 —Dame un poco de tu boca, que es mas dulce que la miel.
Estas palabras diciendo [,] el novio la escapó.

Conforme vemos, esta versão tem um final confuso³⁹, atamancado para que o romance termine bem, com Delgadina inesperadamente libertada pelo “novio” (que antes não fora sequer mencionado), numa clara intervenção de *deus ex machina*.

Ora esta acção do namorado, acção em que o amor *natural* se opõe ao amor *desnaturado* e o vence, é também o que se passa na versão de final feliz de D. Arlete, só que, aí, realizada de modo bem mais lógico e verosímil. Porém, o desejo que está na base da transformação dos dois textos é o mesmo: fazer com que a história acabe em bem, eliminar a injustiça presente na ficção, já que eliminá-la no real não está na mão dos informantes.⁴⁰

³⁷ A: escrito sobre um “de” anterior.

³⁸ *Cupa*: o mesmo que “copa” (ver Joseph Nehama, *Dictionnaire du judéo-espagnol*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1977, s. v. *kópa*).

³⁹ Respondendo amavelmente ao nosso pedido de ajuda, José Manuel Pedrosa informou-nos (em carta de 30-III-96) que os vv. 18b, 19a e 20 constituem contaminação do *Rondador sediento*, texto da lírica tradicional de língua espanhola de que se conhecem muitas versões, nomeadamente sefarditas. Vejamos um fragmento extraído duma destas últimas:

[...]
20 Daméd un poko di agua
e ya mi muero di sed.
—No tengo ni garo ni kupa,
22 Ni kon ke darvos a biver.
—Daméd kon la vuestra boka;
24 Es más dulce de la miel.
[...]

[José Manuel Pedrosa, “*El rondador sediento*, un romance lírico hispánico en el Folklore Sefardí de Oriente”, *Revista de Folklore* (Valladolid), nº 129 (1991), p. 77].

⁴⁰ Recordem-se, a este propósito, as seguintes palavras de Diego Catalán: “El romancero tradicional [...] no recoge el ideario de las clases dominantes (como apriorísticamente sostienen los portavoces del progresismo oficial). La apertura, la adaptación al medio en que se reproducen, permite la adecuación de las narraciones romancísticas a la ideología del ‘pueblo’ cantor que los transmite y recrea. Y esa ideología (aunque no carezca de contradicciones) incluye siempre, de una u otra forma, aspiraciones a una reorganización más justa de la realidad social y a una profunda revisión del sistema de valores en que se sustenta el orden, injusto, establecido” (Diego Catalán, con la colaboración de J. Antonio Cid *et al.*, *Catálogo general del romancero*. 1. A: *Teoría general y metodología del romancero pan-hispánico*. *Catálogo general descriptivo*, Madrid, Seminario Menéndez-Pidal, 1984, p. 21).

E.L.O., 2 (1996)

Quer tenha sido a pessoa com quem D. Arlete aprendeu o romance, quer tenha sido a própria D. Arlete (hipótese talvez mais provável), a verdade é que alguém, consciente ou inconscientemente, transformou o fim do texto. A vontade de endireitar o mundo, talvez tanto como o pudor de mencionar o incesto, causara já a transformação presente nas versões eufemísticas do tipo 4, que, como a de D. Arlete, atribuem a prisão de Delgadinha ao namoro dela: as pessoas gostariam que nenhuma filha fosse vítima duma tentativa de incesto por parte do pai.

Ora as mesmas pessoas gostariam que tudo acabasse bem. E era grande a tentação de mudar um final em que, só por um triz, Delgadinha não era salva e o pobre não casava com a rica. Quantos espectadores e leitores do *Romeu e Julieta* não lamentarão profundamente o *qui pro quo* que conduz ao trágico final da peça? Quantos, se tal estivesse ao seu alcance, não mudariam esse desfecho? Foi isso, afinal que D. Arlete (ou alguém anterior) fez no romance de *Delgadinha*, actuando, além disso, de acordo com uma completa verosimilhança e atando todos os fios fornecidos por outras versões: o namoro de Delgadinha; o pai prometendo a mão dela ao criado que primeiro chegue com a água; o facto de o primeiro a chegar ser o seu namorado.

Infelizmente para esta brilhante criação, estamos em finais do séc. XX, numa época de completa decadência do romanceiro no Algarve. Se estivessemos num tempo diferente, talvez D. Arlete, ou outrem, pusesse em verso o prólogo e o epílogo⁴¹, que estão em prosa, e ensinasse a versão a outras pessoas. E, provavelmente, dentro dalguns anos, em Vila Real de Santo António (pelo menos), teríamos, perfeitamente estabelecido, um tipo de versões de *Delgadinha* onde, não só não haveria incesto, mas onde, além disso, no fim, “acab[aria] tudo em bem”.

ABSTRACT

The theme of the Iberian ballad Delgadinha is that of a father's incestuous attempt upon his daughter, Delgadinha, which is refused by her. The father imprisons her in a tower and refuses to give her water to make her change her mind. She finally dies of thirst in the tower. Nevertheless, in the corpus of 497 versions that we examined, there are 60 versions in which the narrative is partially transformed (in five different ways) in order to avoid the mention of incest. In all these ones Delgadinha's death (which, in any case, always occurs) is due to the victorian sternness of her father.

However, a version which we recently collected in the Algarve (Portugal) presents not only a transformed beginning (the father imprisons Delgadinha because she loves a servant), but also a surprising ending: instead of dying, Delgadinha is saved by the servant. We do not think that this happy-ending is simply the result of the informant's poor memory but that it is the product of a more or less conscious will to transform the world.

⁴¹ Como vimos, na terceira versão de D. Arlete já se dava a transformação em versos —é verdade que curtos— do epílogo (ver vv. 17-18).

D. Marques, "E acabou tudo em bem"

By connecting and relating narrative segments coming from different types of the Delgadinha ballad, the present version manages to achieve a result which turns out to be thoroughly logical and even brilliant.